

OMNIA

SAÚDE

Faculdades Adamantinenses Integradas (FAI)
www.fai.com.br

BRAGA, Carla Maria Lima. A escrita na transicionalidade e a possibilidade de ser do adolescente. *Omnia Saúde*, v.9, n.1, p.12-22, 2012.

Recebido em: 15/09/2012

Revisado em: 10/12/2012

Aceito em: 22/12/2012

A ESCRITA NA TRANSICIONALIDADE E A POSSIBILIDADE DE SER DO ADOLESCENTE

THE WRITING ON THE TRANSICIONALIDADE AND THE POSSIBILITY OF BEING ADOLESCENTS

Carla Maria Lima Braga

Doutora em Psicologia (PUCCamp)

RESUMO

Apresentar a teoria do amadurecimento, desenvolvida por D.W. Winnicott, no que tange a adolescência que analisa a premissa de que o adolescente *quer ser algo em algum lugar*. Com base nessa premissa teórica, discutiremos uma forma bastante comum à idade que é a escrita, entendida como um fenômeno da transicionalidade. Esta análise nos permite refletir questões no momento da adolescência.

Palavras-chaves: Winnicott, adolescência, ambiente.

ABSTRACT

Present the theory of ripening, developed by D.W. Winnicott, concerning adolescence that examines the premise that your teenager *wants to be something somewhere*. Based on this theoretical premise, will discuss a fairly common to the age that is writing understood as a phenomenon of transicionalidade. This analysis allows us to reflect on issues of adolescence.

Keywords: Winnicott, adolescence, environment.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende apresentar a teoria da adolescência desenvolvida por D.W. Winnicott tomando como referência a escrita, a comunicação e o isolamento. A proposta da discussão vem de encontro com a necessidade de pensar o desenvolvimento da adolescência com a sociedade atual em que vivemos. A escrita sempre esteve presente aos hábitos dos jovens. Aparece em um momento quando as brincadeiras infantis são abandonadas, mas que estes ainda não se tornaram adultos. A escrita encontra-se em diários, músicas, poemas, contos e, atualmente, em Internet, em redes sociais, em pichações nas cidades; enfim é uma forma de manifestação de si mesmo. A escrita em *blogs* atualmente parece retomar um hábito que teve seu auge nos séculos XVIII e XIX e que tinha a *escrita de si* em diários como altamente confidencial.

Embora a escrita atual seja excessivamente exposta, consideramos que esta prática nos traz pistas interessantes acerca do universo da adolescência.

A transicionalidade pode ser pensada na adolescência. É um momento de transformação, de mudanças em que a trajetória fica mais fácil quando o jovem possibilita a si mesmo um espaço para a brincadeira, que é a expressão do *ser* criativo. A escrita pode ser entendida como uma forma criativa de expressão de seu *self*.

A utilização da teoria de Winnicott vem em decorrência sobre o entendimento a respeito da adolescência não como um produto sociológico ou histórico, mas como uma fase do amadurecimento humano e com o desenvolvimento de uma teoria da adolescência peculiar e pouco explorada pelos estudiosos. Como segundo ponto, Winnicott foi, dentre os psicanalistas, aquele que mais enfatizou a questão de *ser* de uma maneira que, sem desconsiderar a sexualidade, não reduziu os problemas da adolescência aos problemas edípicos associados à dominação dos instintos. Além disso, trabalhou com a idéia de que o *ambiente* propicia as condições psicológicas e/ou físicas necessário ao amadurecimento emocional do ser humano.

METODOLOGIA

Diante do exposto consideraremos a adolescência a partir da perspectiva do psicanalista de D. W. Winnicott e utilizaremos um poema escrito por uma adolescente de 15 anos de idade, extraído de um *blog* de forma a ilustrar a vivência pessoal de um adolescente. A leitura da narrativa da adolescente permite pensar questões ligadas à prática da escrita como forma de buscar um lugar de refúgio para as angústias da idade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A imaturidade do adolescente

Para Winnicott, os problemas da adolescência são inerentes à saúde e referem-se a sua imaturidade e às mudanças no processo da puberdade. As ideias sobre o que é a vida, sobre seus ideais, as aspirações e a desilusão do mundo adulto trazem grandes preocupações para os jovens imaturos e inexperientes. Diante de tais conflitos, Winnicott afirma que os adolescentes estão preocupados em como se sentirem reais e em como *ser* alguém em algum lugar.

É importante salientar que para o Winnicott (1958a p.5), todo indivíduo possui uma tendência inata ao amadurecimento que corresponde ao desenvolvimento do corpo, bem como de suas funções, mas também possui um processo evolutivo no desenvolvimento emocional. Esse crescimento é natural, mas necessita de condições ambientais favoráveis para constituir a identidade do indivíduo e capacitar o bebê a alcançar o estabelecimento de relacionamentos interpessoais, com os objetos externos e o relacionar-se com o mundo.

Para alcançar a fase adulta, o indivíduo deve passar por um processo de desenvolvimento normal, começando o seu caminho da estaca zero, na descoberta de saber quem é ele. O adolescente busca uma cura imediata para as suas angústias, mas ao

mesmo tempo rejeita todas as “curas” que encontra, pois as considera falsas; talvez porque não sejam suas próprias soluções. Winnicott chama este período de busca de ‘zona de calmarias’; (Winnicott, 1961 p. 122) sendo esta uma fase a qual os adolescentes sentem-se fúteis e ainda não se encontraram. Winnicott questiona se a sociedade em questão está pronta para esperar, juntamente com seus adolescentes, este momento das ‘calmarias da adolescência’ passar sem atropelos, sem agir ativamente a ele; sem a tentativa de ‘curar’, mas de ir ao seu encontro.

Na adolescência há uma mistura de comportamento de rebeldia e de dependência; em que os pais vivenciam toda a agressividade em um momento e já em outro, os filhos parecem crianças, manifestando padrões de dependência que lembram os primeiros anos de vida. Para Winnicott (1961 p. 124), é possível relacionar as necessidades manifestadas pelos adolescentes: a necessidade de evitar a falsa solução para os seus problemas; a necessidade de sentir-se real, ou de não tolerar a falta de sentimento; a necessidade de ser rebelde em um contexto que também possa ser acolhido quando dependente e a necessidade de afrontar a sociedade. Esta necessidade vem de encontro com a luta que o adolescente vive consigo mesmo:

“A luta para sentir-se real, a luta para estabelecer uma identidade pessoal, a luta para viver o que deve ser vivido sem ter que conformar-se a um papel preestabelecido. Os adolescentes não sabem no que se tornarão. Não sabem onde estão, e estão a esperar. Tudo está em suspenso; isso acarreta o sentimento de irrealidade e a necessidade de tomar atitudes que lhes pareçam reais, e que de fato o são, na medida em que afetam a sociedade” (WINNICOTT, 1961 p.123).

E quanto à imaturidade do adolescente, Winnicott afirma que é a parte preciosa da adolescência. Nela estão contidos os aspectos mais excitantes do pensamento criador, sentimentos novos e diferentes, ideias de um novo viver (WINNICOTT, 1971 p. 198). E neste sentido é um crime perder as aspirações daqueles que ainda não são responsáveis; neste sentido, os imaturos ou os jovens. Para o autor, é na imaturidade da adolescência e o fato de ela não ser responsável, que contém o seu elemento mais sagrado. Dura apenas alguns anos e constitui uma propriedade que tem de ser perdida por cada indivíduo, quando a maturidade é alcançada. (WINNICOTT, 1971 p. 198)

Winnicott afirma que esta imaturidade irresponsável traz benefícios a toda a sociedade e não apenas problemas. Traz aspirações, idealismo e o pensamento criativo, que de certa forma, apresenta o novo à sociedade. Como ainda não estabeleceram a desilusão por completo, apresentam soluções criativas para experimentar a liberdade de pensar e reformular ideia já constituída pela sociedade. O adolescente lança desafios que devem ser enfrentados pela sociedade. Afirma Winnicott: “onde houver um desafio do rapaz e da moça em crescimento, que haja um adulto para aceitar o desafio. Embora ele não seja belo, necessariamente” (WINNICOTT, 1971 p.202).

Para Winnicott, há uma necessidade saudável do adolescente de não conformidade e uma preocupação real de estar no mundo e fazer parte dele. O adolescente sofre com as decepções que vão tendo à medida que cresce e se aproxima do mundo adulto, as decepções com os seus pais e com a sociedade aparecem de forma implacável e real. Além de sua própria mudança relativa à puberdade deve tolerar as mudanças no que se referem as sua própria ideia sobre a vida, assim como as mudanças no mundo objetivo.

Winnicott nos aponta que mesmo que os pais tenham cumprido de forma satisfatória a tarefa de cuidar de seus filhos enquanto pequenos, certas dificuldades são inerentes aos estágios posteriores. Para o autor, o adolescente pode ser cordato com as regras familiares, mas na sua fantasia inconsciente crescer é um ato agressivo. E este sentimento assusta, uma vez que aquilo que estava no plano da fantasia pode se tornar realidade concreta: um poder de destruir, de matar, enlouquecer com drogas ou suicidar-se. Se na fantasia da criança está contido o tema da morte, na adolescência, está contido o tema do assassinato. A agressividade, assim como a sexualidade, assusta o adolescente na potência inicial. O adolescente, neste momento, pode matar como engravidar alguém, estes atos saem do plano da fantasia para a possibilidade real.

Winnicott questiona se a sociedade está preparada para esperar a calma de a adolescência acontecer, com tolerância, reagindo e acatando aos desafios, mas sem a tarefa de curá-la. Ele afirma ainda que os maiores desafios colocados pelos adolescentes, a nós adultos, atingem àquela parte de nós que não viveu em verdade sua própria adolescência. Desta forma, o adulto privado de sua própria adolescência não gosta de ver meninos e meninas florescendo ao seu redor.

Para Winnicott (1961), a sociedade provavelmente desejaria que os jovens dormissem dos 12 aos 20 anos de idade; mas para o autor a tarefa permanente daqueles que são cuidadores dos adolescentes (pais, professores) é a de deter e conter, evitando a solução falsa e uma indignação moral causada na sociedade por ciúmes da juventude.

Outro ponto importante considerado pelo autor é a ideia que, “o adolescente é essencialmente um ser isolado” (WINNICOTT, 1961 p. 118). Para esse psicanalista, toda a socialização parte de uma posição de isolamento. É na adolescência que há uma ampliação do grupo no qual o indivíduo pertence. Ele precisa se identificar com novos grupos, sem perder em demasia sua identidade. A base para a construção dos novos grupos é o grupo familiar, mesmo que agora este grupo primário seja ora rebelado, ora utilizado.

O adolescente revive uma fase da infância: o isolamento é a sua segunda chance para o amadurecimento. O bebê é um ser isolado até constituir-se como um indivíduo distinto, capaz de relacionar-se com os objetos externos. Para Winnicott, antes que o Princípio da Realidade aconteça, depois do Princípio do Prazer, a criança é isolada pela natureza subjetiva de seu ambiente. Assim, acontece também com os adolescentes em seus grupos; podem ser agrupamentos de indivíduos isolados que procuram formar um agregado por identidade de gostos, por adoção de ideias, modo de viver ou de vestir-se e viver situações como no Princípio do Prazer. Os jovens são capazes de se agruparem para defenderem-se, enquanto atacados como grupo. Logo depois o adolescente retorna ao seu isolamento característico de um si mesmo recuado e protegido. Observa-se esta luta para sentir-se real, para estabelecer uma identidade pessoal e para viver aquilo que deve ser vivido sem ter que conformar-se com o que foi pré-estabelecido. O adolescente busca tipos de identificação para não se sentirem tão sozinho; apesar de saber que esta luta é solitária.

Os adolescentes têm que ir mais longe do que o habitual, para testar o seu próprio limite. Para Winnicott: “os membros individuais fazem uso de casos extremos para

sentirem-se reais, lutando para transpor este período de calma” (WINNICOTT, 1961, p. 126).

Outro ponto importante quando falamos sobre a adolescência é a respeito da sexualidade. Winnicott nos apresenta, em sua teoria do amadurecimento pessoal, outra forma de pensar a saúde do indivíduo que não fosse apenas aquela baseada em alcançar estágios sucessivos de zonas erógenas utilizada por Freud. Para Loparic (1999), Winnicott descentralizou a sexualidade da condição de ser humano saudável e apontou a importância de que antes do indivíduo poder fazer algo ele precisa *ser*, precisa primeiro criar a capacidade de ser e chegar à identidade pessoal. A puberdade e a adolescência são momentos da vida humana peculiar e há muito tempo se fala na sexualidade e nas mudanças que provocam nos meninos e meninas.

Dentro da teoria psicanalítica, falar da adolescência nos leva naturalmente a pensar a questão da sexualidade, e o complexo de Édipo sempre foi o ponto central de teorias psicanalíticas. A adolescência é um reviver de vários estágios do desenvolvimento e seria, neste momento, uma reedição do complexo de Édipo. Para Freud, o complexo de Édipo é o elemento central da explicação da vida sexual, assim como é o complexo nuclear das doenças psíquicas e questões referentes à cultura, religião e arte da sociedade.

Loparic (1999) afirma que a psicanálise winnicottiana tem seu crescimento a partir da convicção de Winnicott de que existem problemas iniciais na vida do homem que não são solucionados por meios da teoria edípica, o que ele chama de angústias ou “agonias impensáveis”.

Winnicott chama de “agonias impensáveis” os medos que o homem sente da quebra da linha do ser, o medo de aniquilação, ou o medo da perda do contato com a realidade. São sentimentos que aparecem muito precocemente no indivíduo, antes da existência do indivíduo inteiro ou real, portanto, antes das relações objetais. Para Winnicott, essas agonias se dão no encontro do bebê com o mundo inesperado e implica em uma teoria do amadurecimento humano. Inicialmente, para o autor, o bebê não é um potencial Édipo e sim um ser humano frágil que precisa de outro ser humano para continuar existindo.

Segundo Loparic (2006 p. 7), Winnicott afirma que é na condição de dependência do outro que surgem os problemas fundamentais como o de nascer, o de se sentir real, de ter contato com a realidade, de assegurar sua integração do ser no mundo, o de conseguir distinguir entre a realidade externa e interna, a de criar a capacidade de uso das coisas e de ser si mesmo.

Para Winnicott, o adolescente revive estes estados primitivos na busca de saber quem é e de se sentirem reais e pertencentes ao mundo. Depois de acomodadas questões relativas à sua existência, poderá haver a reedição edípica. Winnicott, no entanto, afirma ser possível que alguns indivíduos jamais atinjam o grau de saúde psíquica em que o complexo de Édipo faça sentido. O autor cita que no processo da adolescência é essencial que algum adulto esteja ao lado, do menino ou da menina, na busca de suas verdades; pois aprender sobre sexo é outra maneira de aprender sobre suas origens. O adulto, em questão, precisa ser confiável.

Deve-se considerar a dificuldade “de estar” *com* adolescentes que lutam para libertar-se. A sua alternância de estado de humor e de comportamento deixa também os adultos confusos sem um espaço para comunicação. Estas alternâncias dizem respeito a sentimentos opostos, muitas vezes no mesmo dia, como amar e odiar os pais; ser rebelde e ao mesmo depender intensamente deles; sentir envergonhado da mãe ou do pai e, em outro momento, reconhecê-los em público; ser idealista, amante da arte, da música e criticar em demasia as atitudes dos pais, ser desinteressado, algumas vezes e altamente controlador em outras, serem extremamente rigorosos moralmente quando diz respeito aos seus pais e exigir flexibilidade. Estas flutuações são consideradas normais quando são vividas pelos adolescentes na época em que são adolescentes. Para que estas questões sejam vividas plenamente, os adolescentes necessitam dos adultos que dêem uma sustentação que facilitem essa passagem da vida de criança para a vida adulta.

Winnicott (1963) aponta que a não comunicação com o mundo traz um isolamento ligado à imobilidade e um afastamento para não ser descoberto antes de seu tempo. O isolamento do adolescente faz sentido uma vez que ele procura a sua identidade. É um desejo de que os adultos não o descubram antes dele mesmo para não parecer irreal e não próprio.

Apesar de todo o isolamento e o conseqüente processo natural de afastamento da família em busca de si mesmo, o adolescente necessita do acolhimento familiar para as suas descobertas. Com relação a esta situação, Winnicott diz: “é um sofisticado jogo de esconder em que é uma alegria estar escondido, mas um desastre não ser achado” (1963, p. 169).

O ambiente do adolescente

O termo *ambiente* em Winnicott tornou-se de grande importância na compreensão de sua teoria. Apresentou a tese de que o indivíduo será sempre um indivíduo no *seu* ambiente. Que o coloca em oposição à teoria de Klein a respeito do aspecto intrapsíquico. Para o autor (1967 p. 18) esse ambiente é “absolutamente e depois relativamente importante” e, além de ser necessário, se não for suficientemente bom, pode enfraquecer e até interromper o amadurecimento do indivíduo.

Para Winnicott (1958), “o fornecimento de um ambiente suficientemente bom na fase mais primitiva capacita o bebê a começar a existir, a ter experiências, a constituir um ego pessoal, a dominar os instintos e a defrontar-se com todas as dificuldades inerentes à vida” (1958 p. 404). Mas, em outras fases do desenvolvimento o ambiente será primordial para continuação de ser, seja o ambiente familiar, escolar, social, ou mesmo, no ambiente de análise. A continuação de um ambiente acolhedor favorecerá a constituição de um “ambiente pessoal”. Segundo Araújo (2007 p. 26), Winnicott entende como ambiente pessoal a possibilidade do indivíduo, a partir de condições favoráveis iniciais, poderá criar condições próprias de seu cuidado a partir da incorporação dos cuidados parentais.

O autor entende que a constituição da personalidade do indivíduo é formada pela participação do ambiente em que a criança vive e aos cuidados a ela conferidos. A criança saudável chega à adolescência equipada para atender os seus novos sentimentos, tolerar melhor as situações de apuros e resolver situações que envolvam ansiedade em demasia. A família e a escola exercem uma ação direta no desenvolvimento da criança e

do adolescente, assim como o meio social e a confiança constituem como a base nas relações entre o adulto e o adolescente.

Araújo (2007 p. 61) aponta, ainda, que para os adolescentes, a família tem papel essencial na promoção na segurança necessária ao turbilhão de acontecimentos vividos psiquicamente e nas relações durante esse período, uma vez que, além de reaparecerem as excitações advindas das experiências semelhantes à da infância, agora as excitações advém também das experiências libidinais próprias da adolescência. Desta forma, para Winnicott (1988 p.173) a vida em família é a base para os grupos com os quais os adolescentes terão a necessidade de conviver. Torna-se essencial que a família continue existindo para que o jovem possa rebelar-se contra ela, ou mesmo, utilizá-la quando precisar se ressegurar.

A escrita como possibilidade de ser

A prática de escrever, para os adolescentes, integra o mundo subjetivo e o mundo objetivo, podendo constituir enquanto um território “transicional” composto por jogos, brincadeiras e escritas, aumentando o uso de gírias num processo de identificação, a utilização de poemas e músicas em seus diários e atualmente em seus “blogs” ou mesmo nas comunicações em redes sociais. A não regularidade de suas escritas pode ser real, mas há uma intensa carga emocional no processo da escrita, pois constitui a procura em si mesmo.

Winnicott (1964 p. 253) apresenta uma de suas pacientes adolescentes, Jane, em que já afirmava em uma consulta que: “mantenho um diário, mas agora só escrevo nele coisas que sinto em poemas; na poesia, algo se cristaliza”. A partir deste relato podemos pensar que Jane necessita substituir os objetos reais pela atividade da fantasia diurna. Se a criança serve-se de coisas manipuláveis, tais como bichos de pelúcia ou pedaços de tecidos, o adolescente “brinca” com a língua e com a escrita. O registro do transicional, constituindo-se da passagem do endereço privado a uma montagem com o terceiro, reatualiza-se, no momento da adolescência, como por exemplo, nos jogos.

O processo da transicionalidade é a passagem daquilo que é subjetivamente concebido para aquilo que é objetivamente percebido. Daquilo que o autor chama de ilusão para a tarefa de aceitação da realidade, que na adolescência diz respeito ao próprio amadurecimento. Essa área intermediária está em continuidade direta com a brincadeira, com a criatividade, com a experiência que diz respeito à arte à religião e ao viver imaginativo. Isso é possível se o ambiente propiciar um espaço para estas experiências.

Para Winnicott (1961), o isolamento característico da fase da adolescência é visto como saudável na constituição da personalidade. Este isolamento necessário, com frequência, não é entendido pelos pais. Preocupados com os caminhos que o filho está tomando ou movidos por um sentimento de rejeição, por se sentirem afastados da vida do filho, não admitem que o filho tenha segredos e vasculham sua vida e suas anotações. O próprio adolescente, ambivalentemente, acaba deixando rastro (como drogas ou pílulas anticoncepcionais) de forma a ser encontrado. Winnicott entende que a jovem que escreve um diário está estabelecendo um eu privado que não se comunica e, ao mesmo tempo, quer se comunicar e necessita ser encontrado. Esse elemento não comunicável é sagrado e merece ser respeitado.

Mas também é prudente lembrar que houve diversas mudanças nas famílias e na sociedade nos dias atuais: as famílias ficaram reduzidas. De modo geral o casal tem apenas um filho. Eles vão à escola, têm algumas atividades extracurriculares e, durante boa parte do tempo ficam sozinhos, sendo monitorados através do telefone pelos pais e, às vezes, pelas avós. A oportunidade para a troca afetiva, o confronto e a competição com o irmão lhe foi retirada, sendo um obstáculo real para trocas afetivas e sociais. Todas estas mudanças contribuem para o isolamento do adolescente de sua família, muitas vezes os pais, mesmo estando em casa não participam do cotidiano dos filhos, contribuindo para um isolamento muito maior que o necessário apontado por Winnicott.

À medida que a comunicação virtual se torna comum nas vidas dos internautas e a visualização na rede cresce, há um aumento do isolamento social, se afastando do convívio social e na relação face a face. Alguns constroem relações de amizade, relações amorosas, ou mesmo sexuais através do mundo virtual, chegando e se desinteressar pelas pessoas reais.

Para Schittine (2004 p 18), o computador aparece como o meio de comunicação que mais contribui para o isolamento, sendo que as relações reais se fecham para abrir relações para um segundo plano, o plano virtual. Como consequência, percebemos que atualmente o narcisismo é cultuado e o adolescente de hoje mais do que nunca é um ser isolado.

Winnicott aponta que o isolamento é necessário para as descobertas novas que o jovem tem como tarefa, mas o que vemos atualmente não é só a oportunidade maior de os jovens terem seu espaço; o que vemos é uma solidão, provindo de um total abandono afetivo familiar (Braga, 2012).

A escrita de Mika

Apresentamos a escrita de Mika (15 anos), para pensarmos sobre a questão da adolescência. Sua escrita foi vista na Internet em seu *blog*. E pode nos dar uma ideia do conflito de existência do adolescente e a procura de si mesmo.

*Enfim o que Fazer?/ Às vezes me sinto perdida,
não sei que rumo tomar/ são entaves que sempre encontro
ao longo do caminhar/não sei se ando
ou se paro,/não sei se grito
se calo/não sei se ignoro
ou se atendo,/se protesto
ou se defendo/não sei se afasto
ou se abraço,/não sei se construo
se desfaço./meio perdida na confusão do mundo,
na confusão de mim,na confusão de tudo,
meio perdida na confusão sem fim.*

(Mika, 15 anos acessado em 23/04/2009)

As músicas, as poesias, os filmes e livros são as referências apontadas pelos adolescentes, de forma geral, que se veem refletidos em seus percursos no momento de sua *zona de calmária* (WINNICOTT, 1961 p.122). Flórido (2000) diz que o uso pessoal dos objetos da cultura compartilhada faz uma ancoragem, fazendo com que os jovens

entrem em contato com a capacidade criativa de si mesmo. Para a autora, tais objetos amenizam de alguma forma a dor do exílio.

Nesta poesia, Mika expressa toda a sua confusão no momento que está passando, mostra a sua ambivalência descrita por Winnicott, que ora fala de sua agressividade e de sua rebeldia, mas ora demonstra uma fragilidade e confusão diante do mundo. Há uma procura de si mesma buscando soluções para os seus conflitos.

Mika mostra sua necessidade de ter uma definição sobre si mesma. Assim, a escrita pode ser pensada como algo positivo e organizador do pensamento. É interessante pensar nesta função, pois é uma forma comum encontrada em adolescentes a utilização de um recurso como a escrita para expressar seus sentimentos neste momento de isolamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Winnicott (1961), os adolescentes não querem ser compreendidos, é uma fase que precisa efetivamente ser vivida e uma fase de descoberta pessoal, sendo que, cada indivíduo vê-se engajado numa experiência viva, num problema do existir. Para Loparic (1999), existir significa, portanto, ter que se integrar, amadurecer e este processo acontece a partir da solução de tarefas cada vez mais complexas para a constituição da saúde. Portanto na adolescência, as soluções de seus conflitos devem ser de forma que cada indivíduo perceba suas soluções como sendo próprias. É uma tarefa árdua e solitária e a escrita nesta idade pode facilitar esta passagem para o mundo adulto.

A escrita sobre si mesmo, as poesias, as brincadeiras podem ser um alívio às angústias do amadurecimento, mas este recurso facilita este processo se o ambiente estiver ali, propiciando uma confiabilidade. A confusão apontada pela adolescente é a busca por sua identidade, é a busca de saber quem ela é. Há uma necessidade de sentir-se real e consoante com Winnicott, esta necessidade faz parte da saúde do indivíduo. A continuidade do processo de existência do adolescente e o seu desenvolvimento para um estado adulto mais confiante, vai depender da existência efetiva dos pais e da família neste processo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, C. A. S. *Uma abordagem teórica e clínica do ambiente a partir de Winnicott*, PUC, São Paulo. 2007

BRAGA, C.M.L. *Comunicação e isolamento na adolescência: compreendendo o uso de blogs pelos jovens na atualidade*. São Paulo: Zagadoni, 2012.

LOPES, P.C.; POLI, M.C. *Os adolescentes e a escrita íntima em blogs*. Paper presented at the Simpósio Internacional do Adolescente, São Paulo. 2005

FLÓRIDO, F. *Compaixão. Estados Gerais da Psicanálise*. 2000. Disponível em: <http://www.estadosgerais.org/historia/168-compaixao> Acesso: 30/06/2009.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes. 1967

LOPARIC, Z. De Freud a Winnicott: aspectos de uma mudança paradigmática. *Revista de Filosofia e Psicanálise Natureza Humana*, v.8, Especial 1, p.21-47, 2006.

LOPARIC, Z. A teoria winnicottiana e o amadurecimento pessoal. *Infanto-Revista de Neuropsiquiatria da Infância e Adolescência*, v.7, supl.1, p.8-41, 1999.

Winnicott, D. W. *Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

_____. (1958). A preocupação materna primária. In *Da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

_____. (1958a). O primeiro ano de vida: uma nova visão sobre o desenvolvimento emocional. In *A Família e o Desenvolvimento Individual*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. (1961). Adolescência. Transpondo a zona das calmarias. In: *A família e o desenvolvimento individual 1997*.

_____. (1963). Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos. In *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

_____. (1964) Deduções a partir de uma entrevista terapêutica com um adolescente. In: *Explorações Psicanalíticas*. Artmed p. 249-259. 1989

_____. (1967). O conceito do indivíduo saudável. In *Tudo começa em casa* (pp. p. 3-22). São Paulo: Martins Fontes, 1999

.